

PROJETO GUIGNARD

Passos de Guignard em Ouro Preto

Simão Lacerda, engenheiro, morador em Belo Horizonte.
Entrevista realizada no dia 30 de outubro de 2001, em sua residência.

Gélcio: Simão, sei que você tem muito a contar sobre Guignard, por isso deixo livre o início do seu depoimento.

Simão: Saí de Ouro Preto ainda criança, para estudar fora. Voltei em 1958. Foi quando conheci Guignard nas rodas boêmias do *Toffolo* e do *Bar Brasil*. Nós ficávamos por ali, todas as tardes encontrávamos várias pessoas, gente de fora, intelectuais. Com Guignard tive uma aproximação muito grande, porque eu gostava muito de pintura e também o acompanhava pintando pelas ruas. Tentei dar algumas pinceladas sob sua orientação. E há casos muito interessantes daquela época, como uma vez em que estávamos em frente à igreja do Pilar. Ele se deitou no chão, literalmente, com os dois pés para dentro da Igreja e o rosto para fora, olhando para cima e pintou o frontispício. O desenho foi feito com um estilete de chumbo ou um lápis muito forte, 7H, 8H, com que ele andava. Usava também uns estiletezinhas, que quase chegavam a rasgar o papel. Ele fazia aquela perspectiva do chão, olhando para cima. Guignard tinha atitudes assim, meio inusitadas, de repente pegava determinados ângulos. Nós o chamávamos de Mestre, Mestre Guignard. Certa vez eu perguntei: “Mestre, mas o senhor não vai pintar ali aquela moita?” Ele respondeu: “Não, eu não gosto de salada e não pinto verde”. Era uma figura singular. Quando estava lúcido, eu o achava muito triste e ele tinha dificuldade para falar. Era muito comilão, gostava muito de comer. Tive uma aproximação mais íntima com ele quando ficou uns tempos na casa do meu irmão, Roberto, e a esposa, Regina. Roberto era diretor do IPHAN e ficou morando nas Lages, lá no casarão conhecido como Castelo dos Nobres. Na hora do almoço, largava tudo o que estivesse fazendo para conversar. Fazia o mesmo quando ia lanchar e, às vezes, colocava frutas para fazer uma natureza morta. Mas ele as comia antes e costumava terminar o quadro de memória. E bebia bastante. Para me aproximar, eu esperava ficar mais tarde, quando bebíamos juntos. Essa era a hora que ele contava mais coisas, que falava dos sonhos, tinha idéias oníricas, falava das seus desejos. Como, por exemplo, quando fosse morar com determinada moça. Ele tinha paixões platônicas e desenhava até num papel de bar, como é que ia ser a casa dele com a mulher amada e depois rasgava e nós também não tínhamos a preocupação de guardar, vivíamos só aquele momento. Mesmo assim algumas coisas foram preservadas. Ainda vou procurar e, encontrando, vou entregar o material ao Museu como lembrança. Eu tenho um violão, por exemplo, assinado pelo Guignard, era o das minhas serestas ouro-pretanas. Eu me lembro de uma vez que, querendo agradecer a um médico que havia operado a minha mãe, falei com ele que eu não tinha dinheiro para pagar a operação, mas que ele fosse ao meu quarto - nós morávamos em Belo Horizonte, isso lá pelos idos de 1965 - e tirasse o que quisesse. Ele levou um quadro com uma dedicatória assim: “Para o Simão, com um abraço amigo do Guignard”. Fiquei estupefato com aquilo, o quadro se foi. Mais tarde encontrei um *marchand* e ele me disse que o quadro havia passado pelo seu ateliê. Tentei comprá-lo, mas já havia sido vendido para outra pessoa, está em Belo Horizonte e pertence, atualmente, ao Roberto Gutierrez. É um quadro desenhado com estilete atrás de um papel amarelo de estêncil. Tinha uma grande admiração pelo Guignard desenhista. Foi o que mais me impressionou, nos meses e meses em que o acompanhei debaixo de sol, de chuva: ele olhava e dava um risco no canto esquerdo do

papel, no sentido oposto, lá em cima; era um *puzzle*, ele ia levando, levando e fechava. Quando concluía, estava a realidade completa, desenhada, telha por telha. Ele fazia uma quina de telhado e depois ia ao outro lado, fazia uma telha. É interessante como ele tinha essa visão perfeita, um sentido muito grande de perspectiva corrigida, algo excepcional. Ele me pintou. Um dia, lá no Castelo dos Nobres, falou: “Fica onde você está, como você está”. Eu fiquei e ele foi tomar café, voltou e me encontrou do mesmo jeito, porque já não era a primeira vez que estava me pintando e eu saía. Ao voltar, já era outro quadro, ele já havia pintado por cima. Então eu falava: “Não, quero o meu quadro porque é uma lembrança muito preciosa”.

Gélcio: Simão, quanto tempo Guignard demorava para fazer um retrato? Como era o processo de criação?

Simão: Guignard era um grande desenhista e tinha uma técnica muito aprimorada para debuxar, quer dizer, ele sabia colocar cor onde queria, do jeito que queria. Fazia a coisa quase como uma brincadeira. O meu retrato pintou em uma tarde. Pedi a ele que pusesse, ao fundo, uma vista de Ouro Preto: “Põe um Ouro Preto atrás”. Ele pôs e me falou: “Esse quadro seu é especial porque vou usar um pincel que o Portinari me deu, para pintar cabelo”. Era um pincel parecendo um leque e ali tem uma pincelada que, com uma mão só, ele fazia. Ele tinha a mão firme, ia com a tinta e dava o tracejado, quer dizer, dava a pincelada e acabou. Estava pintado. Pintava rápido. Não era como o Scliar, que pintava quadros em um segundo, mas pintava em um dia. Ele pintava, por exemplo, um quadro e uma paisagem, burilava um pouco e, depois de pronto, não mexia mais. Eu, por exemplo, sempre tive muita angústia no sentido de achar que não estava bom depois de pronto e queria mexer. Aí você atrapalha o quadro, porque tira a mensagem imediata, que é uma linguagem do instante. E ele tinha isso, havia um momento em que não tocava mais, não ficava mexendo no quadro. Mas pintava muito por cima; chegava, não gostava, desmanchava, pintava outra coisa. Mas era uma pessoa rápida e uma figura humana de uma ausência de maldade incomensurável. Conversar com Guignard sobre o sentido da vida era um dos prazeres que a gente tinha em Ouro Preto.

Gélcio: Simão, eu queria voltar um pouco ao circuito dos bares que vocês freqüentavam. Você falou em *Toffolo*, em *Bar Brasil* e também sobre os lugares de onde Guignard gostava de contemplar a cidade.

Simão: Guignard era uma pessoa muito assediada pelos intelectuais - intelectuais, às vezes, entre aspas, não é? Havia pessoas que queriam ficar com ele, porque era “bem” estar com Guignard, ter um Guignard em casa, quer dizer, era um nome de projeção. O Juscelino teve a idéia sensacional de trazer, para Belo Horizonte, Guignard, na pintura, o Marzano, no teatro, o Karl Rieter, na música, tinha essa visão humanística, cultural. E isso mexeu muito com as pessoas que amavam a cultura e que cultivavam o colecionismo e até dos que desejavam a arte como forma de posse e de poder. Então era muito comum, por exemplo, estarmos em um bar com Guignard e chegar alguém para saber o que ele ia fazer, como, onde. E aí a gente ia ficando mais ou menos por dentro do roteiro dele, mas sem maldade nenhuma. Esses quadros “volatilizavam”, sumiam. Tem muita história que infelizmente não vai ser contada. Explorou-se muito Guignard em troca de bebida. Ele era alcoólatra e, por bebida, fazia muitas coisas; por uma boa mesa, fazia outras tantas. Então as pessoas davam guarida a ele, que era um sujeito que, quando não estava pintando, deveria ser até considerado um incômodo, porque era uma

pessoa que comia muito, além de ser desligado da realidade das coisas. Mas ele tinha uma noção de onde estava, do que estava fazendo, do que estava acontecendo, só que não dominava muito bem essas questões. De muitas obras que fez, acredito que Guignard não tenha visto o dinheiro. Não sei se ele deixou bens, acho que não deixou, a não ser a sua obra. E as pessoas o policiavam muito. Era comum pessoas se sentarem com Guignard, levando seus desenhinhos e ele corrigia. Eu tenho até desenhos meus com traços dele em cima com observações técnicas. A gente brincava que era uma escola livre de pintura. Aonde ia, aqueles pintores iam atrás pintando. As pessoas mais frágeis que trabalharam com ele, saíram pintando igual a ele. Eu me lembro de Guignard pintando no adro da igreja do Carmo, na região do Pilar, nos altos de Ouro Preto. Aonde tivessem vistas panorâmicas da cidade e muitos detalhes - casario, janelas, portas, coisas assim. A minha convivência com ele foi no período de 1959-60 ou 1960-61. Guignard de vez em quando sumia, ia para a casa de algum mecenas que lhe dava mesa farta, tudo, e ele pintava, pintava, depois voltava. Guignard não pintava nada figurativo – pelo menos nunca vi - a não ser retrato. Nas obras dele não existe o personagem, o transeunte. Pouco animal, pouca planta, a não ser o espaço total do vegetal, mas sem detalhes. Por outro lado, tinha a característica de detalhar, de maneira muito sensível, certos elementos, como a calha, o arabesco, algum detalhe arquitetônico do barroco e aquela mão firme, tracejando. Eu vi Guignard desenhando uma treliça e lhe disse: “Ah, pára de desenhar, porque eu jamais vou fazer uma treliça dessas, só com esquadro.” E impressionante o senso de proporção, quer dizer, você sai dando um traço aqui, outro em uma folha de papel ofício, por exemplo. Guignard pintando uma paisagem em um papel branco, dava traços com diferença de dez, quinze centímetros, que se fechavam depois sem perder a harmonia, a totalidade. A tristeza maior foi quando ele morreu. Eu estava em Belo Horizonte e imediatamente fui para Ouro Preto. Quando o enterro ia sair, como eu estava ao lado do caixão, a Lúcia Machado de Almeida falou: “Vá lá você, que é novo, forte e segura, porque ele está muito inchado”. Foi a última lembrança que tive de Guignard. Depois estive muitas vezes ao cemitério de São Francisco, mas era diferente, uma espécie de visita de silêncio. Eu ia muito a Ouro Preto e fazia essas visitas “a horas mortas”. Lembrava-me muito de Nello Nuno, muita gente conversando, aquele clima agradável e tal, mas a gente bebia demais.

Gélcio: Simão, você poderia nos falar mais sobre essas vivências em Ouro Preto?

Simão: Ouro Preto tem uma característica muito interessante. Ela agasalha muito as pessoas que chegam. Agasalha com um misto de confiança e desconfiança – “O que essa pessoa veio fazer aqui?” E várias pessoas de fora, por exemplo, os estudantes da Escola de Minas. Havia repúblicas do Amazonas, do Rio Grande do Sul, repúblicas por todo lado. É uma cidade cosmopolita, em termos brasileiros, muito interessante, desperta curiosidade no aspecto turístico. As pessoas mais sofisticadas iam olhar o lado artístico, o barroco, o *Aleijadinho*, a bela arquitetura, os “Athaídes” da vida e Guignard era um sujeito extremamente cômico da riqueza artística de Ouro Preto. Mas atrás de Guignard havia pessoas extremamente fiéis à cultura, que o ajudaram a minorar não só o lado da dificuldade física em se expressar, em se fazer entender, como também de suportar o lado incômodo do artista. O artista é um cara mais sensível que a média das outras pessoas. E geralmente não tem preocupações do tipo manter limpo o lugar por onde passa, onde come, onde transita. A preocupação dele é mais transcendental. E eu vejo duas coisas aí. O lado das pessoas que queriam bajular Guignard, porque era chique estar com ele. O Vinícius de Moraes, por exemplo, que era artista e admirador de Guignard, era outro “chato de galocha” quando bebia, mas era uma figura

maravilhosa como poeta e como inteligência. Como bêbado era tão chato quanto Guignard. Mas não me lembro, por exemplo, de Guignard em rodas de samba, em serestas. Ele se recolhia, se retirava um pouco. Morou com várias pessoas, esteve na casa de várias pessoas em Ouro Preto, o que confirma ser ele uma pessoa relacionada com a sociedade. Não tinha nada de político, apenas fazia observações pertinentes sobre a preservação da cidade. Circulava muito, sua opinião era respeitada junto ao Patrimônio e, segundo me parece, foi sempre levada a sério. Guignard tinha visão ampla da arte, como um todo. Da pintura então, nem se fala. Daí a sua credibilidade.

Gélcio: O período que você conviveu com Guignard, por volta de 1958-1960, foi exatamente o momento em que amigos dele, principalmente da área da cultura, criaram a Fundação Guignard, para dar suporte ao seu modo de vida e gerenciar o dinheiro que já estava ganhando. Você até lembrou o Carlos Drummond de Andrade, em um poema, dizendo que “aprisionaram os demônios de Guignard”. Qual a sua opinião a esse respeito?

Simão: Acho que Guignard chegou a um ponto em que ficou muito descuidado, não tinha roupa direito, não tinha nada, bebia demais. Foi quando surgiu o movimento da Fundação Guignard. Nessa época estava em Belo Horizonte iniciando a minha atividade profissional e, por isso, fiquei um pouco desligado. De repente saí daquela agradável e saudável boêmia ouro-pretana, para terno e gravata, exercendo uma atividade eminentemente capitalista, o que me distanciou da convivência com aquele artista puro. Mas eu conversava muito com o Roberto, meu irmão e ele falava: “Estão fazendo um absurdo com Guignard, é preciso tomar uma providência. As coisas somem, acontecem situações desagradáveis e tem gente preocupada com isso”. Eu me aproximei de Guignard várias vezes e me lembro de perceber nele uma satisfação, como quem dissesse: “‘Pô’, fizeram o que eu não tinha condição de fazer, que era organizar o que eu estou ganhando, sem prejuízo do meu trabalho”. Mas por outro lado, considero a vigília ‘um saco’ para quem tem um hábito e não quer admitir que transgride.

Gélcio: Ele parou de beber?

Simão: Parou. Aí o cara fica cerebral. E fica mudo, porque não fala, fica retraído. Isso é característica de todo alcoólatra quando consegue deixar a bebida. O alcoolismo é o único dos vícios em que o sujeito consegue parar de repente e não aos poucos. Prefere não beber nada. Não bebendo, fica fechado dentro de si próprio. E Guignard era muito inteligente, muito culto, tinha muita informação e naturalmente não tinha ‘saco’ de ficar conversando com quem não desse resposta a um diálogo mais elevado. Mas acredito que, nesse aspecto, ele deve ter se sentido agradecido às pessoas que tomaram a iniciativa de ajudá-lo a administrar sua vida e seus negócios.

Gélcio: Que Ouro Preto era essa que Guignard encontrou na década de 1950?

Simão: Eu fiquei de 1947 a 1957 fora de Ouro Preto. Voltei com a incumbência de ser engenheiro, porque meu pai tinha sido, mas eu não queria, nunca tive muito pendor matemático. O que eu queria não existia na época, veio a existir depois, Comunicação Social. Mas eu queria trabalhar com alguma coisa que não me deixasse perder a sensibilidade em relação à música, ao teatro, ao cinema. E fiquei em Ouro Preto muito voltado para essa busca, eu era um buscador. Na época, a cidade tinha menor número de carros, menos tecnologia de consumo. Era possível absorver o que oferecia pela

madrugada, aquela solidão povoada de romances e de história. Uma cidade cheia de enigmas e de carmas, poética. Era também interessante poder encontrar pessoas diferentes todos os dias: franceses, alemães, americanos. Muitos intelectuais, músicos e artistas passavam temporadas em Ouro Preto. Era apaixonante, ninguém queria sair dali, a cada dia tinha uma novidade. Uma cidade com uma vida muito agradável. Naquela época o Ubirajara Cabral, Bira, estudante sergipano, pianista de mão cheia, um artista pleno, fundou o Coral de Ouro Preto, que agregou um grupo muito legal e gravamos um disco de bossa nova. Foi algo extraordinário. Depois vim para Belo Horizonte e ingressei no Madrigal Renascentista, com o Isaac Karabichewsky. Guignard já circulava por lá, tinha a Escola. Era amicíssimo da Anita Uxa, fundadora da Sociedade Amigas da Cultura e também da Arlinda Correia Lima, uma figura maravilhosa. Tinha aquela “bicharada” em torno do movimento intelectual, aquele clima energizante do *Woodstock*, dos *Beatles*. E depois veio a idéia de revolução, do movimento de 1964, que revolução aquilo nunca foi, não é ?

Gélcio: O Festival de Inverno mudou bastante o panorama da cidade. Eu gostaria que você citasse pessoas do meio artístico que atuavam nesse período.

Simão: O Zé Pio é dos maiores desenhistas que já conheci na vida. Mas me lembro de muita gente, Chanina, Degois, tapeceiro, que fez parte da história do Guignard. E outros pintores que sofreram forte influência, com o Inimá, o Estevão. Havia um exímio desenhista chamado Takaoka. Esse era uma outra “peça” monumental, mas não desenhava muito Ouro Preto. Ele desenhava animais, tinha um estilo meio à japonesa e com característica *sumiê*, aquele desenho japonês, com um traço só.

Gélcio: Você acha que Guignard já era um mito ?

Simão: Na minha opinião já era um mito pelo fato de ter estudado na França, de ter sido o fundador de uma escola, de ter ótima formação artística.

Gélcio: Seria interessante que você nos falasse sobre as obras que possui do Guignard.

Simão: Tenho um retrato pintado por ele, de uns 35 x 40 cm. É um retrato meu, tendo Ouro Preto ao fundo. Tenho um violão autografado, o pincel que foi do Portinari, do qual te falei. E tenho aquele outro quadro, o desenho que ele me deu e que está na mão de um colecionador, que um dia quero conseguir de volta. No mais, o que tenho dele é uma rica lembrança.